Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte OESP
Data 1º/5/2000 Pg C-6, 7
Class. BAR

Projeto retoma parque no Caminho do Mar

Até o fim do ano, uma das porções mais bonitas do Parque Estadual da Serra do Mar, entre o ABC e Cubatão, deve ser reaberta; faltam recursos para restaurar a estrada interrompida por deslizamentos

MARISA FOLGATO

Ter uma visão deslumbrante da Serra do Mar, descer num trole tracionado por cabos pelas suas encostas íngremes até Cubatão, entrar numa usina escavada em rocha. No caminho, passar por cachoeiras e monumentos históricos da década de 20, além do primeiro caminho calçado por pedras usado por tropas de mulas no século 18.

Roteiros como esses poderão entrar nos planos dos turistas até o fim do ano. Esse é o prazo para entrar em funcionamento a primeira etapa do projeto Parque Caminhos do Mar, encravado no Parque Estadual da Serra do Mar, que envolve especialistas de cinco secretarias estaduais, sob a coordenação da Empresa Metropolitana de Águas e Energia (Emae). Esse trecho já foi aberto e fechado várias vezes nas últimas décadas por causa de deslizamentos.

O projeto apenas do parque, que começa na região da Represa Billings e vai até Cubatão, com seus monumentos, prevê investimentos de R$ 3 milhões, que ainda dependem de parcerias para serem liberados. A Emae já firmou convênio com a organização não-governamental ambientalista Vitae Civilis para também tentar obter recursos no exterior. Mas, se incluída a recuperação do Caminho do Mar, a Estrada Velha de Santos, serão necessários mais R$ 25 milhões. O caminho está interrompido por quedas de barreiras desde 1994.

A mais recente delas caiu em março. Até meados do mês passado, pedras, lama e árvores tomavam pelo menos 300 metros da pista na altura do km 46. Dois quilômetros antes de sua interrupção total ao tráfego. O pontilhão do km 48 foi arrancado num escorregamento há alguns anos e em seu lugar há um abismo.

TOTAL A SER INVESTIDO É DE R$ 28 MILHÕES

Segundo o diretor de Meio Ambiente da empresa Desenvolvimento Rodoviário S.A (Dersa), que é responsável pela estrada, Ives de Freitas, o material da última barreira demorou a ser removido porque não havia lugar para depositá-lo. "Dependia de licenciamento, mas já foi resolvido."

Visita – O primeiro passo para a retomada do parque, que funcionou com projetos de educação ambiental até 1998, com vários períodos de interrupção, é a restauração da Casa de Visitas, um casarão avarandado, com vista para a Serra, que foi construído em 1926 pelo escritório do arquiteto Ramos de Azevedo. "A Emae vai arcar com as despesas de reforma da casa", explica a coordenadora da área de meio ambiente da empresa e responsável técnica pelo projeto do parque, Lúcia Regina Silveira.

A casa vai servir de centro de recepção de visitantes. "Há um estacionamento disponível num terreno que será desocupado até o fim do ano." A intenção é que os turistas deixem ali seus carros e depois optem por um dos roteiros. "Serão visitas monitoradas e o número de pessoas será determinado pelo plano de manejo do parque para evitar a degradação." O público é estimado entre 10 mil e 12 mil visitantes ao mês.

Haverá passeios a pé e, no futuro, podem ser usadas vans. Serão criados quatro roteiros, mas até o fim do ano só dois devem funcionar: o trecho entre o Monumento do Pico e a Calçada do Lorena e a descida à Usina Henry Borden.

O percurso pela Calçada do Lorena, o primeiro caminho entre planalto e litoral coberto por pedras, de 1792, por onde passavam tropas de mulas, será feito a pé. Só um trecho está recuperado. Ele estava coberto por terra e mato e foi restaurado pela Eletropaulo. A Calçada cruza em vários pontos o Caminho do Mar.

Ela dá acesso aos monumentos de 1922, tombados pelo patrimônio histórico. Todos estão deteriorados e precisam de restauração. Indo do ABC em direção ao litoral, o primeiro deles é o do Pico, que marca o ponto mais alto da serra. Em seguida vem o Pouso Paranapiacaba, com varandas e colunas que dão vista para a serra com direito a ver uma cachoeira que serpenteia pela encosta. Ele deve funcionar como centro cultural e salão de chá.

Descendo mais um pouco está o Rancho da Maioridade, outro casarão que pode abrigar um café e exposições, e o Padrão do Lorena, um marco azulejado.

Trole – Outro passeio é a descida por trole da Casa de Válvulas do alto da serra até a Usina Henry Borden, em Cubatão. São 720 metros de descida íngreme (cerca de 42 graus de inclinação). O veículo, tracionado por cabos de aço, é usado por funcionários da usina que não perdem a oportunidade de lembrar, depois do embarque, que 28 pessoas morreram num acidente com o veículo. Só que, emendam, foi o único e ocorreu nos anos 50.

Já em Cubatão, será possível visitar a usina, de 1956, que tem parte subterrânea escavada na rocha pura. O acesso é por túnel com 120 metros de extensão, 39 de altura e 21 de largura. A usina ainda funciona. Sua capacidade é de 880 megawats, mas só gera 134, por causa do controle do bombeamento das águas do Rio Pinheiros para a Represa Billings, para evitar a poluição.

No futuro, haverá no planalto uma caminhada de seis quilômetros até uma das cachoeiras, com direito a um banho refrescante.

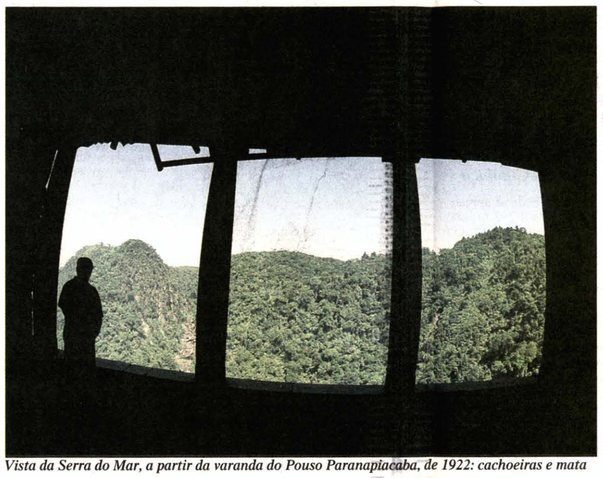
Planejamento – A assessora jurídica da Fundação SOS Mata Atlântica, Elci Camargo, alerta para a importância de planejar com cuidado uma atividade como o ecoturismo. "Ela pode existir e ser interessante, mas é preciso avaliar o impacto ambiental na Serra do Mar para que não ocorra o mesmo que em Brotas, que recebe mais gente do que suporta, com prejuízo ambiental."

Para ela, o Parque Caminhos do Mar pode ser alternativa para o turismo paulista. "Bem planejado, pode dar certo."

Rancho da Maioridade: futuro café na beira do Caminho do Mar

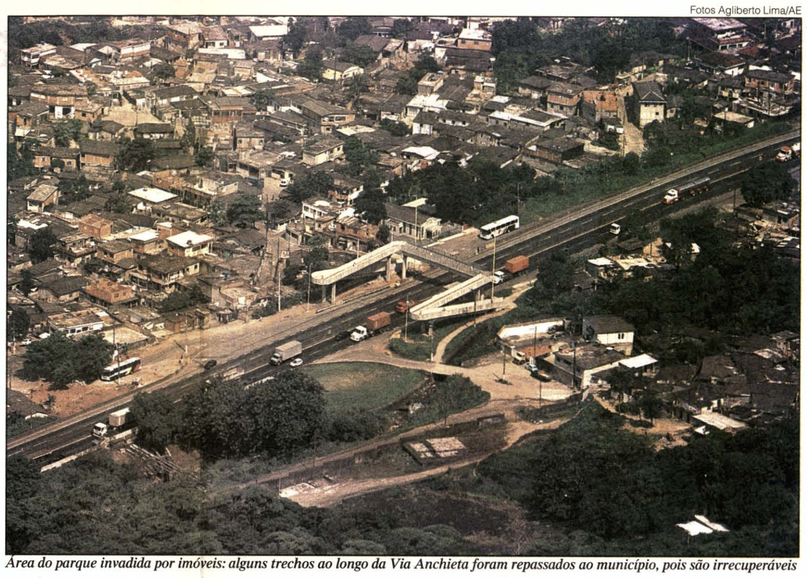
Barragem da Usina Henry Borden na Billings: passeio de barco

Padrão do Lorena, tombado pelo patrimônio: pichação e desgaste



Vista da Serra do Mar, a partir da varanda do Pouso Paranapiacaba, de 1922: cachoeiras e mata

Fotos Agliberto Lima/AE



Área do parque invadida por imóveis: alguns trechos ao longo da Via Anchieta foram repassados ao município, pois são irrecuperáveis

1.500 casas estão em área de preservação

Invasões são o maior problema da região, recortada por estradas, ferrovias e oleodutos

A água chega aos casebres por meio de mangueiras ligadas diretamente às cachoeiras, a luz vem de gambiarras, enchentes são constantes quando transbora o Rio Pilões, em Cubatão, sem contar as ameaças de deslizamento visíveis nas dezenas de cicatrizes de terra desnuda que rasgam a mata da Serra do Mar. Mesmo com esse quadro tão desanimador, a população dos bairros cota e da Água Fria, áreas invadidas do Parque Estadual da Serra do Mar, não pára de crescer, principalmente na direção das encostas.

A equipe do Instituto Florestal responsável pelo Núcleo Cubatão do parque, com apoio da prefeitura da cidade, terminou no mês passado o cadastramento dos moradores, por força de uma liminar da Justiça. "Mas ele já pode estar desatualizado por causa de novas invasões", admite a diretora do núcleo, Sueli Lorejan.

Na área da Água Fria, são 916 imóveis irregulares, todos dentro dos limites do Parque Estadual da Serra do Mar, como o da cozinheira mineira Ana Gomes da Silva, de 47 anos, 23 deles na invasão. "Éramos poucos, mas agora aumentou demais", admite Ana, mãe de sete filhos. A casa de alvenaria, onde ainda moram seis filhos, fora os netos, foi assentada com muita areia e as paredes estão bambas. "Uma delas quase caiu em cima da gente."

A água vem de uma cachoeira a mais de um quilômetro. "Sonho com a posse da terra e vivemos ameaçados de expulsão." Na cota 95 (altitude em relação ao nível do mar), 150 dos 868 imóveis estão no parque. Esse número sobe para 200, das 1.976 casas da cota 200. Outras 201 moradias invadiram a região na cota 400 e na 500 há apenas três.

Todos os imóveis já estiveram na área do parque, mas ele perdeu partes das cotas 95 e 200, em 1993. Elas foram repassadas pelo Estado para o município, com manutenção das moradias. O parque recebeu outras áreas em compensação. Até hoje o município não tomou posse do local.

Fiscalização – "Faltam condições de fiscalização e planos habitacionais para essas famílias que, além de invadir área de preservação, moram em pontos de risco", diz Sueli. Há oito fiscais para cuidar dos 139 mil hectares do Núcleo de Cubatão, numa área que vai de Bertioga até Peruíbe e inclui a área de planalto, no ABC. Seriam necessários 50 fiscais.

Ana em seu barraco ilegal: água vem de cachoeira por mangueira

"Temos de concentrar os esforços na área de Cubatão, onde estão as invasões, que ainda é recortada pelas rodovias, uma série de estradas de serviço, ferrovias, gasodutos, oleodutos e tem sérios problemas de lixo." O restante fica sob a responsabilidade da Polícia Florestal, com pelotões do litoral e do planalto. Recentemente, o núcleo foi dividido em três, mas as equipes estão em formação.

Segundo o secretário estadual do Meio Ambiente, Ricardo Tripoli, parte do licenciamento ambiental cobrado da empresa Ecovias para a construção da segunda pista da Rodovia dos Imigrantes vai ser destinada para a construção de casas populares em Cubatão. "Serão 2% do total (cerca de R$ 10 milhões), que devem ser suficientes para remover as famílias de Água Fria", afirma Tripoli. "A prefeitura também tem de se mexer." Ás moradias serão feitas pela CDHU.

O secretário do Meio Ambiente de Cubatão, coronel José Perez Bezzi, diz que o município não tem mais áreas disponíveis para projetos habitacionais. "Já repassamos dois locais ao Estado para esse projeto do CDHU." Segundo ele, foi apresentada uma proposta global de soluções que prevê o retorno de 1% do ICMS arrecadado na cidade para ser usado em habitação. "Ainda não obtivemos resposta do Estado", informa o coronel. **(M.F.)**

60% da reserva está em processo de desapropriação

Segundo secretário, houve irregularidades na avaliação de terras e dívida é de R$ 50 bilhões

Ainda estão em desapropriação 60% dos 315.390 hectares do Parque Estadual da Serra do Mar. Criado em 1977, ele abrange 27 cidades, entre Peruíbe, no litoral sul, até Ubatuba, no norte, além de trecho de planalto na capital e no ABC. Só 40% já são do Estado.

O processo de desapropriação arrasta-se há mais de uma década. Segundo o secretário estadual do Meio Ambiente, Ricardo Tripoli, houve superfaturamento das áreas. "Às vezes, o valor é até 50 vezes maior do que o real." Conforme Tripoli, o total de precatórios é de R$ 50 bilhões. "Já revertemos 13, no valor de R$ 1,3 bilhão, mas há mais de cem em andamento." Proprietários dizem que não há irregularidades e o Estado quer adiar os pagamentos.

Enquanto a questão judicial não se resolve, após anos de abandono e esquecimento, o Parque Estadual da Serra do Mar está recebendo, desde 1996, recursos por meio do Projeto de Preservação da Mata Atlântica (PPMA). Segundo o diretor-geral do Instituto Florestal (IF), Luís Alberto Bucci, o plano é executado numa parceria entre os governos alemão e do Estado. Os dois já desembolsaram 26,7 milhões de marcos (R$ 21,9 milhões) na primeira fase e estão liberando mais 8,3 milhões (R$ 6,8 milhões). O PPMA prevê investimentos em planos de manejo, fiscalização, estruturação dos núcleos de conservação, monitoramento e gestão ambiental.

O parque já está dividido em oito núcleos: Pedro de Toledo, Curucutu, Cubatão, São Sebastião, Caraguatatuba, Santa Virgínia, Cunha e Picinguaba. "Em todos há atividades de visitação pública", diz Bucci. Um dos mais procurados é o de Picinguaba, único ponto em que o parque atinge a faixa de praia. Santa Virgínia oferece também o rafting – descida de bote por corredeiras.

"Há ainda áreas de pesquisa importantes, como o Núcleo Cunha, o primeiro laboratório de hidrologia florestal da América Latina, para estudos da vazão, qualidade e quantidade, entre outras características da água", diz Adriana Oliva, da Assessoria Técnica da Divisão de Reservas e Parques Estaduais do IF. Segundo ela, quase todas as cidades do litoral são abastecidas por mananciais protegidos pelo parque. São 140 pontos de captação.

"Cerca de 90% das áreas de Mata Atlântica estão preservadas e mesmo onde houve deslizamentos é avançada a recuperação", diz Bucci. Os outros 10% são áreas invadidas, ocupadas por estradas, desmatadas.

Os escorregamentos de terra na Serra do Mar, porém, têm sido constantes. Embora façam parte da dinâmica do terreno, diretor e assessora admitem que a poluição, o desmatamento, a abertura de estradas e as ocupações do entorno têm acelerado o processo. "Até por estratégia de segurança é indispensável a manutenção do parque, a sua preservação", observa Adriana.

Formas de restaurar a vegetação e conter os deslizamentos foram tema de workshop promovido pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente sexta-feira e sábado, em São Sebastião. O maior ponto de deslizamento é o que provocou a interdição da Via Anchieta no km 42. Eram 4 hectares na ocasião e agora já são 6.

Deslizamento arrancou ponte da estrada: risco

Extração de palmito e caça irregulares prejudicam o parque também. Mas o pior são as invasões. Segundo o IF, há 80 hectares tomados. "Há vários pedidos de reintegração de posse", ressalta Tripoli. A fiscalização é difícil. O IF não revela quantos são os fiscais no total, mas dá um exemplo: o Núcleo Cubatão tem 12 e deveriam ser mais de 100. A fiscalização tem apoio da Polícia Florestal e da Ecovias. A administradora do Sistema Anchieta-Imigrantes mantém sete postos no parque, com 54 vigias. **(M.F.)**

Só um dos núcleos tem 93 espécies de animais

7 estão em extinção, como a onça parda; Estado começa a fazer levantamento geral

Apenas numa pequena parte do Parque Estadual da Serra do Mar, o Núcleo do Curucutu, na região de Engenheiro Marsilac, ainda nos limites de São Paulo, foram identificadas 93 espécies de mamíferos, aves e répteis. O levantamento foi feito pela Prefeitura, por meio da Divisão de Fauna do Departamento de Parques e Áreas Verdes da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Vários especialistas da divisão "montaram guarda" no parque por vários dias.

Entre as espécies levantadas, segundo a divisão, há algumas em extinção, como a onça parda, o cachorro-do-mato, o sabiá-cica e o pavó, mais conhecido como pavão-do-mato. De acordo com pesquisadores, apesar de o parque ser estadual, a Prefeitura fez a pesquisa porque esse núcleo, recentemente desmembrado do Cubatão, ainda está nos limites da capital.

Os dados servem para auxiliar a reambientação de animais eventualmente atendidos na sede da divisão, no Parque do Ibirapuera, para onde são encaminhados animais com ferimentos, abandonados ou perdidos, localizados na cidade como um todo.

Pesquisa – O Instituto Florestal, em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), só começou a fazer há duas semanas o levantamento da flora, da fauna e das condições do terreno inteiro do Parque Estadual da Serra do Mar.

Os trabalhos vão ter início pelo Núcleo São Sebastião, no litoral norte. "Até o fim do ano, todo o parque deve ter sido mapeado", garante Adriana Oliva, da Assessoria Técnica da Divisão de Reservas e Parques Estaduais do Instituto Florestal.

Esse estudo marca a segunda fase do plano de manejo dos núcleos do parque, iniciado em 1997. Devem ser identificadas ainda áreas como trilhas e cachoeiras, importantes para facilitar a fiscalização e a organização do turismo para que não haja o risco de deteriorar os locais.

Por conta do uso descontrolado, a trilha de Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo, que seguia pelo meio da Mata Atlântica até Bertioga, no litoral, teve de ser fechada aos visitantes para a recuperação. Ela cortava o maravilhoso vale do Rio Itapanhaú e dava aos aventureiros a oportunidade de banhos de cachoeira, em piscinas naturais, com a água ainda pura da Serra do Mar. **(M.F.)**

Fotos Monica Zarattini/AE

O pavó, ou pavão-do-mato, é um dos bichos em extinção identificados na fauna diversificada do parque, que inclui espécies mais comuns como a aranha que tecia sua teia num dos monumentos deteriorados que devem ser recuperados

Polícia resgatou 151 pessoas perdidas na mata fechada

Número pode ser maior porque, além do COE, bombeiros e curiosos fazem salvamentos

Entre janeiro do ano passado e março deste ano, foram socorridas 151 pessoas, em 23 casos atendidos pelo Comando de Operações Especiais (COE) na região da Serra do Mar. A maioria se perde na mata e sai ilesa, mas também há acidentes graves. De acordo com o sargento José Carlos de Andrade, do COE, o total de chamadas foi de 64, mas algumas terminaram anuladas. Mas o número pode ser bem maior: muitos são socorridos por outras instituições, como os bombeiros, ou leigos conhecedores da região. Outros conseguem sair sozinhos depois de horas, até dias, perdidos.

"No ano passado, 24 jovens perderam-se na região da interligação entre as Rodovias Imigrantes e a Anchieta, apesar de estarem com dois guias", afirma Andrade. "Os homens do COE entraram na mata à meia-noite e só conseguiram localizar o grupo às 4 horas."

PASSEIOS DEVEM SER BEM PLANEJADOS

O local era de difícil acesso e os perdidos foram retirados um a um por meio de cordas. Menos os guias, que saíram para procurar ajuda e perderam-se de novo. Eles só foram encontrados no dia seguinte.

Segundo o tenente Rogério Nery Machado, do COE, contratar guias inexperientes é um dos problemas mais freqüentes de quem resolve arriscar-se numa trilha. "Tem de ter muito cuidado na escolha do profissional e devem ser exigidas referências", alerta.

Ele diz que muitos visitantes aventuram-se sozinhos também. "Às vezes a trilha é larga e bem marcada no começo, mas depois surgem bifurcações, elas se estreitam ou estão tomadas pela vegetação e a pessoa fica desorientada." Machado aconselha o uso de bússolas ou mapas, é indispensável ainda o planejamento do passeio, observando horário de entrada e de saída, que não seja à noite. "Na escuridão, no meio da mata, fica impossível encontrar referências." Levar um sinalizador é aconselhável.

De acordo com o tenente, a pessoa deve evitar a ingestão de bebidas alcoólicas e avaliar suas condições físicas para a caminhada. "O clima na Serra do Mar é muito úmido e quente e aumenta a transpiração, por isso deve ser ingerida água, mas não em grandes quantidades – ou vai faltar no meio do caminho." Há riscos ainda de escorregões nas cachoeiras e afogamentos nos poços e piscinas naturais. **(M.F.)**

Trilha de Paranapiacaba mostra degradação

Um dos passeios mais bonitos é exemplo de mau uso, desmatamento e descaso ambiental

ANDRÉA PORTELLA

Lixo e desmatamento inconseqüente desanimam quem segue a principal trilha que sai da vila de Paranapiacaba – distrito da cidade de Santo André – à espera de uma aventura ecológica, numa das trilhas mais procuradas do Parque Estadual da Serra do Mar. Em muitos trechos, a impressão é de que houve uma festa e ninguém lembrou de arrumar a casa.

"As pessoas não vêm para curtir, parar, olhar a natureza", diz a presidente da Sociedade de Preservação e Resgate de Paranapiacaba, Zélia Maria Paralego. "Vêm bagunçar, porque é um turismo barato e acaba não sendo ecologicamente correto."

Os amigos Edgar Santana, de 19 anos, e Márcio Araújo, de 18, até arriscam uma estatística sobre a farra na trilha. "De cada dez pessoas, nove vêm para fumar maconha", acredita Araújo.

A trilha começa com uma subida que exige fôlego e dura cerca de dez minutos de caminhada. Depois, o trajeto é um pouco mais plano. Mais 40 minutos e chega-se ao mirante, que muitas vezes decepciona pela neblina.

Em alguns pontos da trilha foram abertas clareiras por pessoas que decidiram acampar. Nesses locais há, em geral, muita sujeira deixada pelos visitantes.

Depois do mirante, é necessário descer por penhascos para chegar à Pedra Lisa, uma das principais atrações. O terreno íngreme exige habilidades de contorcionista para evitar as quedas e só um guia é capaz de dar orientações diante do labirinto que é a mata.

A abertura inconseqüente de caminhos e o desmatamento exagerado permitiram a erosão excessiva. Em alguns pontos, a água cavou profundos sulcos na terra. "Antigamente, a trilha era um ziguezague feito por caçadores", conta Zélia. "Agora, há verdadeiras ruas."

Sérgio Castro/AE

Pedra Lisa: cabos de aço não impedem acidente em queda-d'água

Sérgio Castro/AE

Guias na trilha: terreno íngreme exige habilidade e orientações

Perigo – A Pedra Lisa é, ao mesmo tempo, um dos pontos mais bonitos da trilha e o mais perigoso. Nem a colocação de cabos de aço para impedir que os visitantes cheguem próximo do desfiladeiro por onde escorre a água resolveu os problemas. "Tem muita brincadeira de empurrar", diz o guia Claudinei Nazario, de 23 anos. "Abusam do álcool", completa o guia Luís Carlos de Barros, de 43 anos, o *Pelé*, um dos mais experientes da área. Grande parte das histórias tristes que os guias contam ocorreu lá. Quem cai dificilmente se salva.

Para muitos dos visitantes, o passeio termina nesse ponto da trilha, depois de uma hora e meia de caminhada. Adiante, porém, com mais uma hora, está o Poço das Moças, outra belíssima queda-d'água. Contam os moradores que as duas moças mais bonitas da região, há muitos anos, morreram afogadas ali. Passadas décadas, os afogamentos continuam. *Pelé* vai listando os casos de gente encontrada morta no local. Segundo ele, a causa, muitas vezes, é o excesso de álcool.

O guia conta ainda que os animais sumiram de lá. Segundo ele, os sagüis já estiveram por todos os lados. Também havia mais onças. "Foram espantados." Depois do Poço das Moças, pode-se retornar a Paranapiacaba ou seguir. Até a chegada a Cubatão há mais duas horas de caminhada e a paisagem não oferece nenhuma recompensa.